



COMUNIDADE DE MORCEGOS EM UM PARQUE URBANO DE UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS.

E.M.S. Borges - Filho

L.P. Pires; K. Del - Claro; W. Uieda

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Biologia, Rua Ceará - s/n, Umarama, 38400 - 902 - Uberlândia, MG - Brasil; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Departamento de Zoologia, Campus de Rubião Junior s/n, Rubião Junior, 18618 - 970 - Botucatu, SP - Brasil. emsbio@gmail.com

INTRODUÇÃO

Morcegos são animais que apresentam uma relativa tolerância aos processos de urbanização, podendo se beneficiar da atividade humana: a construção de estruturas que podem servir de abrigo a estes animais como pontes e casas abandonadas, o plantio de plantas frutíferas exóticas e a iluminação artificial (Reis *et al.*, 1993; Sazima *et al.*, 1994; Bredt & Uieda, 1996;). Os parques urbanos são importantes para a ecologia dos morcegos, uma vez que mantêm parte da vegetação nativa da região, aumentando a disponibilidade de recursos para estes animais, e apresentam certo grau de impacto antrópico que pode ser favorável aos morcegos (Silva, *etal.* 1996; Reis, *etal.* 2002; Lima, 2008). Stutz *et al.*, (2004) apontam que Uberlândia, uma cidade do sudeste brasileiro, contém uma das maiores riquezas de espécies de morcegos em áreas urbanas do Brasil, com cerca de quarenta espécies. Entretanto, Stutz *et al.*, (2004) não deixam claro os locais de suas amostragens, o que nos impossibilita demonstrar a composição de espécies de morcegos nos parques desta cidade.

OBJETIVOS

Este trabalho visou realizar o primeiro levantamento da quiropterofauna de um parque urbano na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado entre agosto e dezembro de 2010 no Parque Municipal do Sabiá (48° 14' 02" O, 18° 54' 52" S), em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. O parque possui uma área de 35 ha de remanescentes de vegetação nativa (Guilherme *et al.*, 1998).

Os morcegos foram capturados entre os meses de outubro de 2010 a abril de 2011 com quatro redes de neblina de 9 x 3 m abertas a nível do solo primeiras pelas cinco horas após o pôr do sol. O esforço amostral das capturas foi calculado segundo Straube e Bianconi (2002).

RESULTADOS

Em um total de 6352 m²/h de esforço amostral, foram capturadas cinco espécies: *Artibeus planirostris* (Spix, 1823) (n = 26), *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818) (n = 24), *Platyrrhinus lineatus* (E. Geoffroy, 1810) (n = 6), *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758) (n = 3), *Myotis nigriceps* (n = 1).

Artibeus lituratus e *A. planirostris* são morcegos comuns em áreas urbanas (Sazima *et al.*, 1994). Estas espécies são frugívoras e podem se beneficiar de plantas exóticas em ambientes urbanos, como *Mangifera indica* (mangueira), *Eugenia jambolana* (jambolão) bem como de *Ficus* spp. *Platyrrhinus lineatus* apresenta uma dieta semelhante à de *Artibeus* e pode ser favorecida em ambientes urbanos pelos mesmos fatores (Ferreira *et al.*, 2010). *Carollia perspicillata*, outra espécie frugívora de médio porte (Uieda e Vasconcelos, 1985), pode ter sido subamostrada na área devido à baixa disponibi-

lidade de frutos de *Piper arboreum* durante o período de capturas (observação pessoal). *Myotis nigricans* é uma espécie insetívora, capturada uma única vez. Apesar da comum ocorrência de morcegos insetívoros em áreas urbanas (Reis *et al.*, 2002), a baixa amostragem de espécies insetívoras pode ser explicada pelo seu vôo acima do alcance da rede de captura, ao nível das fontes de iluminação artificial (Kalko e Handley, 2001).

CONCLUSÃO

A comunidade de morcegos do Parque do Sabiá é dominada por espécies frugívoras, possivelmente favorecidas pela disponibilidade de plantas exóticas e nativas que podem lhes servir de recurso alimentar. A metodologia de captura por redes de neblina a nível do solo não é a mais adequada para amostrar espécies insetívoras (que apresentam vôo alto), o que pode explicar a baixa amostragem de insetívoros no Parque.

REFERÊNCIAS

BREDT, A. & UIEDA, W. 1996. Bats from urban and rural environments of the Distrito Federal, mid - western Brazil. *Chiroptera Neotropical*, 2 (2):54 - 57. FERREIRA, C.M.M., FISCHER, E. & PULCHÉRIO - LEITE, A. 2010. Bat fauna in urban remnants of Cerrado in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Biota Neotropical*, 10(3): 155 - 160. GUILHERME, F.A.G.; NAKAJIMA, J.N.; LIMA, C.A.P. & VANINI, A. 1998. Fitofisionomias e a Flora Lenhosa Nativa do Par-

que do Sabiá, Uberlândia, MG. *Daphne*, 8 (2): 17 - 30. KALKO, E.K.V. & Handley Jr, C.O. 2001. Neotropical bats in the canopy: diversity, community structure, and implications for conservation. *Plant Ecology*, 153: 319-333. LIMA, I.P. 2008. Espécies de morcegos (Mammalia, Chiroptera) registradas em parques nas áreas urbanas do Brasil e suas implicações no uso deste ambiente. In: Reis, N.R.; Peracchi A.L. & Santos, G.A.S.D., (Orgs). *Ecologia de morcegos*. Londrina, Technical books, p.71 - 85. REIS, N.R.; LIMA, I.P. & PERACCHI, A.L. 2002. Morcegos (Chiroptera) da área urbana de Londrina Paraná - Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 19 (3): 739 - 746. REIS, N.R., PERACCHI, A.L. & ONUKI, M.K. 1993. Quirópteros de Londrina, Paraná, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Zoologia*, 10 (3): 371 - 381. SAZIMA, I.; FISCHER, W.A.; SAZIMA, M. & FISCHER, E. 1994. The fruit bat *Artibeus lituratus* as a forest and city dweller. *Ciência e Cultura*, 46 (3): 164 - 168. SILVA, M.M.S.; HARMANI, N.M.S.; GONÇALVES, E.F.B. & UIEDA, W. 1996. Bats from the metropolitan region of São Paulo, Southeastern Brazil. *Chiroptera Neotropical*, 2: 39 - 41. STUTZ, W.H.; ALBUQUERQUE, M.C.; UIEDA, W.; MACEDO, E.M. & FRANÇA, C.B. 2004. Updated list of bats from Uberlândia, state of Minas Gerais, southeastern Brazil. *Chiroptera Neotropical*, 10: 1 - 2. STRAUBE, F.C. & BIANCONI, G.V. 2002. Sobre a grandeza e a unidade utilizada para estimar esforço de captura com utilização de redes - de - neblina. *Chiroptera Neotropical*, 8 (12):150-152. (Os autores deste trabalho agradecem à CAPES e à Fapemig pelo apoio financeiro.)